



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

O ?tempo da riqueza?: memória e saudosismo de ex-trabalhadores de uma empresa de mineração no Amapá

Autoria: Beatriz Cavalcante de Freitas (UNIFAP - Universidade Federal do Amapá)

O estado do Amapá foi sede do primeiro grande projeto de mineração na Amazônia, no período de 1945 a 1997. Para garantir as bases de exploração do minério de manganês, a empresa Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI) montou toda uma infraestrutura nas cidades de Santana e Serra do Navio, constituída de estrutura de produção e escoamento (áreas industriais, ferrovia e porto para desembarque) e vilas operárias com estrutura urbana (casas, ruas com asfalto, escolas, hospitais, supermercados, áreas de lazer e saneamento). Deste modo, além do salário, a empresa proporcionava condições em todos os aspectos da vida social. Os ex-funcionários da empresa atualmente cultuam a memória do tempo da mineração, através de postagens na internet, assim como realizam encontro anualmente. Com nostalgia, recordam o passado utilizando imagens de máquinas, objetos e pessoas do período em que trabalhavam na empresa, assim como frases sobre o passado, visto como um tempo em que ?eram felizes?. Neste pôster pretendo apresentar resultados de uma pesquisa de iniciação científica, em que analiso as manifestações de saudosismo dos ex-trabalhadores na internet. Os dados foram coletados no perfil mantido pelo grupo no facebook, onde há postagens diárias. A análise pretende abordar as postagens, a partir das imagens e comentários, procurando compreender que sentimentos as pessoas manifestam em relação ao passado vivido no ?tempo da empresa?.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: